

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**Iran Vieira dos Santos**

**JOSÉ SALES: BIOGRAFIA DE UMA LIDERANÇA PATAXÓ**

**Belo Horizonte/MG  
2020**

**IRAN VIEIRA DOS SANTOS**

**JOSÉ SALES: BIOGRAFIA DE UMA LIDERANÇA PATAXÓ**

Percurso apresentado ao Colegiado de Graduação da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à conclusão da Licenciatura Intercultural para Educadores Indígenas.

Orientador: Guilherme Trielli

Coorientador: João Paulo Mariano Domingues

**Belo Horizonte/MG  
2020**

Dedico este trabalho de conclusão de curso ao meu guerreiro Pai, Bernardo Sales dos Santos (*in memorian*), meu maior incentivo, pois sem ele não estaria onde estou hoje. Meu pilar para formação humana, me ensinou a ser uma pessoa do bem, de caráter, humilde e nunca negar ajuda ao próximo. Gratidão, meu pai. Obrigado por tudo.

## **AGRADECIMENTOS**

A Tupã (Deus), pela minha vida, saúde, coragem e força para eu alcançar meus objetivos durante esses anos de estudo.

Aos meus pais, Bernardo Sales dos Santos e Neco Vieira dos Santos, que sempre lutaram para que seus filhos pudessem estudar e realizar seus sonhos, em especial minha mãe, que esteve sempre comigo nestes 4 anos de estudo, sempre me motivando nos momentos difíceis, com palavras de conforto, para que eu pudesse seguir firme e hoje estar aqui, realizando esse grande sonho de concluir este estudo, e aos meus irmãos, que sempre me incentivaram nesta jornada.

Quero deixar meus agradecimentos a uma pessoa de extrema importância não apenas nesse trabalho, mas em minha vida, minha Jokana (mulher), Carolaine Dos Santos Alves, pois foi quem fez de tudo para que eu me inscrevesse neste curso. Agradeço pelas palavras de incentivos nos momentos de desânimo e pela contribuição em meu percurso acadêmico.

Agradeço ao meu Tio José Sales, por ter me dado a honra de escrever sua biografia e ter disponibilizado seu tempo para a realização deste trabalho.

Agradeço ao meu primo Tukunã Borges Vieira pelas ilustrações e também ao meu primo Kaiones Braz Dos Santos por me emprestar sua máquina fotográfica.

Gratidão à memória das lideranças da aldeia Barra Velha: Epifani, Josefa, Palmiro, Luiz Capitão, Honório, Alfredo Braz, Tururim e todos que lutaram pelos nossos direitos.

Deixo também meus sinceros agradecimentos ao meu orientador, Guilherme Trielli, e ao meu coorientador, João Paulo Mariano Domingues, pelo empenho e dedicação durante a elaboração do meu TCC, pelo apoio e ajuda.

Agradeço aos meus professores, que me proporcionaram muitos conhecimentos, momentos de alegria, pelo apoio, incentivos e amizade.

Agradeço a todos bolsistas, pela ajuda nas atividades, pelos momentos juntos e pela dedicação.

Agradeço, a todos os meus amigos e colegas, pelos momentos de aprendizagem, felicidades, dificuldades que compartilhamos juntos, pelo carinho desta família que foi construída na LAL. Vou levar essas amizades que fiz durante o curso para a vida toda. Obrigado a todos que fazem parte dessa família e me ajudaram nessa formação.

Por fim agradeço a todos os parentes que aqui fiz amizade, Pataxó Hãhãhãe, Guarani, Maxakali e Xakriabá. E a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a minha formação e para a minha Aldeia Barra Velha.

"A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens."

Jacques Le Goff

## RESUMO

Este trabalho foi realizado na aldeia Barra Velha do Povo Pataxó, município de Porto Seguro, na Bahia. Pesquisei a vida de José Sales dos Santos, liderança indígena que quando criança vivenciou um trágico marco da história do povo Pataxó: o Massacre de 1951. Escrevi sua história de vida com a família, sua infância, juventude, casamento, liderança, chegando aos seus dias atuais. O trabalho foi desenvolvido através de entrevistas e conversas com o biografado e teve como objetivo compreender a trajetória de vida do biografado. Pesquisando este tema, aprendi muitos valores da vida, pois antigamente viviam com pouco e eram felizes, e nunca desistiam dos seus sonhos, mesmo com as dificuldades. Isso me incentivou a buscar, entender e conhecer nossa história e valorizar os conhecimentos dos nossos sábios. Admiro muito a força, a coragem e a persistência de nossos anciãos. Meu intuito é utilizar esta pesquisa nas escolas da minha aldeia e em outras comunidades indígenas Pataxó, incentivando as crianças e jovens a também buscarem conhecer as biografias de outras lideranças da aldeia, para assim valorizar, respeitar e admirar nossos mestres.

**Palavras-chave:** José Sales dos Santos; Biografia; Liderança indígena; Pataxó de Barra Velha; Massacre de 1951; material didático.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>BIOGRAFIA DE JOSÉ SALES.....</b>	<b>12</b>
1. A INFÂNCIA ANTES DO MASSACRE.....	12
2. O FOGO DE 51 .....	13
3. A INFÂNCIA E A RECONSTRUÇÃO APÓS O MASSACRE.....	18
4. A JUVENTUDE (FORMAÇÃO) E OS SABERES DE JOSÉ.....	20
5. CASAMENTO E RETORNO PARA A ALDEIA .....	22
6. LIDERANÇA.....	28
7. O DIA DE JOSÉ .....	30
<b>JOSÉ (ENSAIO VISUAL).....</b>	<b>33</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>61</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>63</b>

## INTRODUÇÃO

Meu nome é Iran Vieira dos Santos, sou da etnia Pataxó, tenho como nome indígena Maüy Xandó, que significa uma semente e um coco. Nasci na aldeia Coroa Vermelha, localizada no município de Santa Cruz de Cabrália, no estado da Bahia. Quando nasci meus pais estavam morando lá, mas quando completei 7 anos, no ano de 2002, fui morar na aldeia Barra Velha, localizada no município de Porto Seguro, na Bahia, com meus avós maternos, pois sempre nas minhas férias escolares vinha visitá-los e quando meus pais vinham me buscar ficava chorando para não ir embora. Então, neste ano que mencionei acima, vim definitivamente morar com eles. Algum tempo depois, meus pais também vieram embora e, assim, fui morar com eles novamente e continuamos morando na aldeia até hoje.

Atualmente na aldeia moram aproximadamente 500 famílias e 2570 pessoas, que vivem principalmente de turismo, agricultura, pesca e artesanatos. Algumas pessoas da comunidade têm trabalho em escola, posto de saúde e limpeza pública.

O povo Pataxó foi uma das etnias que sofreram bastante com a colonização dos portugueses, já que moravam no litoral e foi um dos primeiros a ter contato direto com os invasores do Brasil. Por muitos séculos tiveram de manter contato forçado com essa gente, que nos tratava como bichos selvagens e nos obrigaram a deixar de falar nosso idioma materno para aprender a língua estrangeira. Mesmo com todo esse sofrimento, ainda assim, os Pataxó não deixaram de manter sua cultura, tradições e costumes, que tentaram tirar, mas nossos ancestrais mantiveram as memórias vivas, para passar às gerações futuras.

Um dos principais rituais que mantemos frequente na aldeia é o ritual da lua cheia (Dawê MaYõ ihé), que é de grande importância para nós. Saldamos a vovó Lua, pela prosperidade e farturas que ela traz para nossa aldeia e pela força física e espiritual que ela nos propicia. Em dia de lua cheia, vamos para a praia ou para o mangue mariscar, para trazer alimentos para o ritual à noite. Ali cantamos e dançamos para agradecer tudo o que ela nos traz de bom. Hoje o ritual da lua cheia está no currículo escolar da escola de Barra Velha e desta forma as crianças, desde cedo, já crescem praticando a cultura.

A língua materna Pataxó, o Patxôhã, que significa língua de guerreiro, está no processo de revitalização. Mesmo que tenhamos sido forçados a não falar o nosso idioma, ele manteve-se adormecido e não esquecido, já que nossos ancestrais o guardaram em suas memórias.

Sempre tive em mente fazer meu trabalho de conclusão de curso sobre a biografia de um membro da minha família, meu tio José Sales, pois ele viveu um marco da história do povo Pataxó, que é conhecido como o Massacre de 51. É importante não só para mim, mas também para o povo Pataxó.

A relevância deste trabalho é buscar registrar e dar voz à história da liderança José Sales, porque vejo a necessidade de manter a memória da liderança indígena viva dentro da nossa comunidade para as futuras gerações conhecerem e valorizarem o caminho que um líder indígena percorre em busca de melhorias para seu povo. A liderança indígena tem grande sabedoria que não pode ser esquecida porque envolve um contexto de saberes de todo um povo. Assim, sua memória estará sempre guardada e conhecida na memória do seu povo. Além disso, o objetivo deste trabalho é contribuir para a minha comunidade, sendo também um material didático para a escola indígena Pataxó de Barra Velha. Nesse sentido, este trabalho busca ensinar e incentivar nossas crianças e jovens a manter e guardar viva a memória do nosso mestre indígena em questão.

Minha pesquisa me levou a escrever uma biografia de José Sales. Narro sobretudo sua infância, marcada pelo massacre de 51. Após este acontecimento, seus pais tiveram que reconstruir sua vida em outro lugar. Sua história é muito sofrida, mas também nos mostra a força e coragem do nosso povo, pois todos que viveram nesta época tiveram que batalhar e reconstruir suas vidas várias vezes, ensinando-nos a dar valor às oportunidades que temos hoje. Nossas conquistas — um território demarcado, a escola, a estrada, a energia, o posto de saúde e muitas outras melhorias — são fruto de muita luta. Mas para conseguir conquistar tudo isso nossas lideranças sofreram, passaram fome, humilhação e preconceito.

Este trabalho foi desenvolvido por meio de entrevistas e conversas com José Sales, que contou sua história de vida, de sua família, a vivência com seu povo, sua trajetória como liderança e o que viveu no fogo de 51. Para a realização das entrevistas utilizei gravador, celular e um caderno

de campo. Para ampliação do levantamento de dados biográficos usei desenhos e fotografias. Os desenhos são de momentos vividos por meu tio José.

## 1. A INFÂNCIA ANTES DO MASSACRE

José Sales dos Santos, filho de Francisco Tecilio da Conceição e Maria Tereza Sales dos Santos, nasceu em 26 de agosto 1946, no território de Barra Velha, num lugar chamado Corrêgo do Acrízio, atualmente conhecido como Ribeirão.

Todo indígena que tem o nome em português colocado pelos pais tem o direito de também escolher um nome indígena para si. O de José Sales é Massaranduba Pataxó e significa árvore de grande resistência. Essa árvore é utilizada pelos Pataxó nas construções de seus *kijeme* (casas) e no artesanato. Além do nome indígena e do nome do registro civil, José Sales também tem um apelido, pelo qual todos o chamam: Piegas. Embora a palavra "piegas" signifique originalmente "alguém que se expressa por meio de um sentimentalismo exagerado e ridículo", o sentido veiculado por essa palavra quando associada a José Sales é totalmente outro. O apelido lhe foi dado pelo seu amigo Deco pelo fato de José ser extremamente alegre e brincalhão. São essas características que nos vêm à mente quando pensamos em José, ou seja, alguém que sempre está fazendo graça, sempre feliz, sempre contando piadas. A proximidade fonética entre "piada" e "piega" (dita sem o "s" final) é uma possível explicação para o sentido novo atribuído ao termo, que é o sentido usado por todos quando se referem a José Sales, São Piega, e seu bom humor característico.

Por ser o primogênito do casal, deu muita alegria à família por sua espera, embora na época seus pais fossem recém-casados e ainda estivessem estruturando a vida. Tudo era difícil, até mesmo a alimentação de cada dia. Apesar das dificuldades, seus pais foram se preparando para sua chegada.

Desde seu nascimento, seus pais trabalhavam na lida com a roça, na criação de porco e galinha caipira. Seu pai também caçava para se manter. Eles nunca tiveram a oportunidade de estudar, pois tudo era difícil na região em que moravam. Sua ocupação era estritamente o trabalho.

José Sales lembra que era muito feliz neste lugar, pois lá também moravam seus tios Luzia, Acrizio e também seus filhos, que acompanhavam José nas brincadeiras. Suas brincadeiras

preferidas eram: roda, cantigas e versos e também cavalo de pau (brinquedo feito com uma vara e uma corda a ela amarrada, fazendo de conta que era seu cavalo).

Nas noites de lua cheia, ele e seus primos, iam para o terreiro brincar de roda e cantavam músicas e soltavam versos. Assim se passava o tempo. Era de costume toda noite seu pai fazer uma fogueira na frente de casa, para ficarem contando histórias e conversando. Ele gostava muito desses momentos, pois seus pais e seus tios, contavam várias histórias do seu povo e contavam lendas: lobisomem, mula sem cabeça e bruxas. Ficava muito feliz quando tinha esses momentos, pois eram a grande alegria e diversão que tinha nesta época.

Desde muito cedo seu pai já o levava para acompanhar nos afazeres da roça. Ele não ajudava seu pai a capinar, nem roçar, pois ainda era muito pequeno, mas ficava olhando e assim já ia aprendendo os serviços que eram feitos para poder construir uma roça. Futuramente ele também iria seguir os mesmos passos do pai, pois naquela época não tinha estudo na aldeia e a única opção era os pais ensinarem seus filhos a manejar a terra, a construir uma casa, a preparar armadilhas de pesca e caça. Estes conhecimentos eram passados de geração para geração.

Para José, mesmo com as dificuldades que existiam, a melhor fase que ele lembra que passou na sua infância foi no Ribeirão, pois lá seus pais tinham sua casa, sua roça e sua criação de porco e galinha, lá viviam tranquilamente.

Depois de um tempo seus pais tiveram uma filha, por nome de Carmosina, e alguns anos mais sua mãe já esperaria o terceiro filho. Foi nessa ocasião, em 11 de maio de 1951, com 4 anos e 8 meses, que José e sua família tiveram que sair do Ribeirão, pois ocorreu o acontecimento que marcou para sempre sua infância e sua vida: o massacre do Fogo de 51.

## **2. O FOGO DE 51**

No ano de 1943, na aldeia mãe, Barra Velha, chega o engenheiro chamado Doutor Barros, a mandado do interventor federal do Estado da Bahia, Renato Onofre Pinto Aleixo. Ele se reúne com todos da comunidade dizendo que tem uma ordem para fazer a medição de todo o território. Sem entender o motivo daquela medição, as lideranças da aldeia pediram uma explicação ao

Doutor Barros, pois eles viviam tranquilos no território e achavam que não seria preciso medir nada. Aqui fazemos roças, caçamos, pescamos, tiramos madeira para fazer artesanatos, casas e podemos andar aonde quisermos dentro do nosso território. O engenheiro responde que não sabe de absolutamente nada, que apenas estava cumprindo ordens, que depois que todo aquele lugar estive todo medido ele iria buscar uma resposta para dar a eles. Inocentes diante da situação, alguns homens da aldeia foram ainda ajudar na medição do território. Depois de dias de trabalho, com tudo finalizado, o tal Doutor Barros manda reunir todos da comunidade, pois já teria uma resposta. Foi então que ele anunciou: a partir daquele dia, todo aquele lugar medido era um parque nacional e que os indígenas não poderiam mais praticar nenhuma atividade naqueles locais. Foi muito difícil para o nosso povo, pois daquele lugar tiravam o sustento de suas famílias, fazendo suas roças, pescando, caçando, tirando madeira para a confecções dos artesanatos. Como se isso não bastasse, dentro do parque foram colocados guardas para não deixarem ninguém entrar para realizar essas atividades.

Com isso tudo acontecendo, um senhor por nome Honório, vendo seu povo sofrendo sem ter um lugar apropriado para sobreviver, pois nos foi deixado apenas um pequeno lugar arenoso, à beira-mar, que não dava para fazer nem roça, passou a viajar em busca de seus direitos e respostas para tudo o que estava acontecendo em seu território.

Foi a pé até o Rio de Janeiro e Brasília e depois de muito tempo viajando, sem obter respostas, voltou de uma dessas viagens e encontrou dois homens que diziam ser agentes do governo. Honório, inocente, sem saber quem realmente era aqueles dois homens, já há muito tempo viajando e cansado, sem obter nem uma resposta nem melhorias para seu povo, revelou a esses homens todas as informações do que teria acontecido em sua comunidade. Os homens, então, disseram que viriam ajudá-los a demarcar as suas terras.

Chegando na aldeia, Honório reuniu todos da comunidade para apresentar os homens que se diziam agentes do governo, e que diziam estar ali para ajudar na demarcação das terras. Porém, na verdade, eles eram dois ladrões. Primeiro disseram que tudo que tinham dentro daquelas terras era dos índios. Uma família que morava em Caraíva tinha uma criação de gados. Eles mandaram os índios entrarem no lugar e matarem os gados. Mas isso não resultou em nada. Como na aldeia tinha uma linha de telégrafo à beira-mar, que era o meio de comunicação

principal, os dois ladrões, com medo das pessoas ligarem para a polícia dando informações sobre o que eles estavam mandando os índios fazerem, mandaram dois irmãos indígenas, chamados Carias e Antônio José, cortarem o fio da linha de telégrafo. Mas como tinha um guarda, chamado Modesto, que era responsável por vigiar essa linha, percebeu que tinha algo de errado e viu que teriam cortado o fio. Ele foi e mandou um tal de Bernardo Brito consertar o fio. Depois de consertado, os irmãos vieram e cortaram de novo. O guarda mandou consertar novamente. A situação continuou: os dois índios cortavam e o guarda mandava consertar. A partir daí, começou a briga por causa dessa linha de telégrafo, que era o único meio de comunicação que tinha nessa região.

Percebendo que tinha algo de errado acontecendo, o governador ordenou que os policiais de Ilhéus e Caravelas fossem ver o que realmente estava acontecendo. Porém, como Ilhéus fica ao norte da aldeia e Caravelas ao Sul, os policiais que vieram de Ilhéus atravessaram por Caraíva e os de Caravelas por Corumbau. Como já era a noite quando entraram na aldeia, chegaram atirando. Um pelotão atirava e o outro atirava também e por isso pensaram que eram os índios que estavam revidando. Mal sabiam eles que eram eles próprios que estavam trocando tiros. Quando perceberam que não eram os índios, se juntaram e reuniram forças, atacando os indígenas e dando início ao massacre. Homens, mulheres, crianças, idosos, animais, todos mortos, mulheres sendo estupradas, as casas, queimadas, as crianças e idosos que não conseguiam correr sendo pisoteados por cavalos. Alguns adultos conseguiram correr e se esconder, mas depois muitos foram capturados pelos policiais. Foram 11 dias de muita chuva, crueldade, tortura, sofrimento vivido por esses Pataxó. O massacre começou no dia 11 de maio de 1951 e terminou em 22 de maio. Esse massacre ficou conhecido o Fogo de 51.

Em maio de 1951 José Sales estava com 4 anos e 9 meses de vida. Ele conta o que se passou com ele naqueles dias terríveis que marcaram profundamente sua vida e de todo povo Pataxó. Naquela época ele vivia no Ribeirão, com sua mãe, que estava grávida de seu irmão Bernardo, sua irmã Carmosina, que era bebê de colo, sua avó paterna, Delfina, que teria vindo de onde morava, caso sua mãe entrasse em trabalho de parto. Ela estaria ali para auxiliar, pois era parteira e ajudava nos afazeres de casa. Como nesse tempo seu pai, Francisco, estava trabalhando em uma fazenda, em um lugar chamado Vera Cruz, também morava neste mesmo

lugar sua tia Luzia, que também estava grávida, e seus filhos: João Brás (Jonga), que era o mais velho, além de Albino, Alfredo e Paulo, que eram crianças.

Quando souberam o que estava acontecendo, eles fugiram juntos, foram se esconder dentro da mata. Como José era menor, não aguentava andar no ritmo dos outros e seu primo Jonga o carregava no cangote. Com muito medo de serem pegos e mortos pelos policiais, ficaram dentro da mata durante quatro dias, sobrevivendo de palmito de Jussara, bebendo água do rio, dormindo dentro da mata. Já cansados de ficar na mata, com medo de serem comidos por onças, debilitados pelo frio, eles resolveram, no quinto dia, sair da floresta, mas, por azar, foram pegos pelos policiais, na fazenda de um senhor conhecido por Zé Grande, no lado do Rio Cemitério, onde atualmente se localiza a aldeia Boca da Mata.

Quando um índio era capturado, a ordem era levar para Caraíva ou Prado, ordens que vinham dos delegados de Ilhéus e Caravelas. Na maioria das vezes os policiais batiam, matavam, judiavam muito até chegar nas localidades. Quando eles foram pegos foram amarrados. Como sua mãe e sua tia estavam grávidas os policiais queriam fazer que elas parissem à força. Quanta crueldade queriam fazer com aquelas mulheres. Queriam matar José, pois eles diziam que aquele menino iria dar muito trabalho. Passaram até um pedaço de madeira com fogo em seu peito, queriam queimá-lo vivo. Só não os maltrataram mais porque teve um policial que não deixou. Escoltados pelos policiais, José ainda viu seus outros parentes capturados sendo torturados, amarrados uns nas costas do outro, feito caranguejo. Os policiais mandavam eles cantarem uma música e eles cantavam:

*Xô, xô, peneira!*  
*Xô, xô, tô peneirando!*  
*Xô, xô, tô nessa roda*  
*Xô, xô, tô namorando*

Eles iam cantando e os policiais, batendo.

Chegando no destino final, Caraíva, José viu seu avô, Manoel Tibúrcio, dentro do rio com a maré cheia, com a água dando no peito e uma barra de sabão dada pelos policiais para que ele usasse toda na cabeça. Seria mais fácil tirar todo o cabelo e o coro da cabeça do que gastar

aquele barra de sabão, pois com a água salgada o sabão não se desfaz. Graças a um comandante dos policiais que chegou no momento e perguntou quem tinha feito aquilo. Mandou tirar seu Manoel de dentro do rio e mandou o policial que fez aquilo ir embora. Nesse momento, esse comandante perguntou a Maria Tereza e Delfina se elas conheciam aquele homem. Disseram que não e, então, ele perguntou por Francisco. Falaram que ele estava trabalhando em uma fazenda em Vera Cruz e que ele não sabia o que estava se passando com eles. O comandante disse que as conhecia e também Francisco, que trabalhava para um amigo dele. A partir disso, mandou liberá-los. José, sua mãe, sua avó e um tio seu, chamado Deraldo, que teria sido capturado em outro lugar da aldeia, então atravessaram o rio e foram para onde Dona Delfina morava. Eles não poderiam voltar para a aldeia, pois tinha sido destruída e também teria guardas deixados pelo IBDF (Instituto Brasileiro de Defesa Florestal), que ficavam como vigilantes. As áreas medidas tinham se tornado Parque Nacional. Muitos índios foram embora com medo. Outros, envergonhados, por terem apanhado muito. As mulheres, também com medo, por terem sido estupradas. Vários índios procuraram outros lugares para viver, formando outras aldeias.

Seu pai, que ficou sabendo do massacre acontecido na aldeia, veio à procura deles sem nenhuma esperança de encontrá-los vivos. Sabendo que o ponto para o qual levavam os índios depois de capturados era Caraíva, foi até lá. Ao chegar perguntou por eles a alguns parentes e soube que eles tinham sido soltos e que teriam ido para a casa de sua mãe, Delfina, em um lugar chamado Dendê, no rio da Capoeira, atualmente Nova Caraíva. De onde ele estava, bastava atravessar o rio, caminhar por uns 20 minutos e encontraria o local. Sabendo que estavam vivos, Francisco seguiu as indicações e de fato os encontrou. Como não poderia voltar para a aldeia, Francisco, sua esposa e seus filhos foram embora para uma fazenda chamada Macaco Gordo, ao sul do Monte Pascoal, município de Prado. Naquele lugar poderia trabalhar e manter sua família.

Anos depois, José teve a curiosidade de perguntar a duas pessoas o que havia se passado com eles durante o Fogo de 51. Sua madrinha, Luciana, conhecida também por (Zabelê) e um senhor chamado Benedito Ruiva contaram a história a José.

Sua madrinha lhe contou que naquele ano tinha se casado com um rapaz chamado Manoel Frágoso. Durante o massacre foi capturada juntamente com ele. Foram amarrados e em seguida vários guardas lhe pegaram à força e começaram a estuprá-la. Tudo isso na frente de seu esposo.

Durante os atos de estupro perguntavam ao seu marido de quem era aquela mulher. Ele respondia: "é minha"; e os guardas falavam: "sua não, é nossa". Aquilo foi uma cena muito forte e dolorosa. Depois que foram soltos, sua madrinha diz ao esposo que não ficara mais com ele, por causa do que ele teria presenciado. Mas ele disse a ela que tudo aquilo não tinha sido culpa dela, pois foi forçada, pega a pulso para ser violentada, que ele iria, sim, continuar com ela.

A partir do que aconteceu com ela, não quis mais morar na aldeia, pois naquele lugar sempre lhe vinha na memória aqueles momentos de horror, sofrimento e também sentia vergonha do que teria se passado com ela. Por isso, foi embora para um lugar chamado Cumuruxatiba.

Benedito Ruivo contou a José que quando foi pego pelos guardas, logo o amarraram, mas para eles aquilo não estava bom, pois queriam judiar dele ainda mais. Foi então que, em seguida, os guardas tiraram a cela de um dos cavalos e colocam no Benedito. Pegaram uma planta conhecida como tiririca e fizeram como brinde, colocando em sua boca e começaram a bater nele. Bateram muito e puxavam as tiriricas para cortar sua boca.

### **3. A INFÂNCIA E A RECONSTRUÇÃO APÓS O MASSACRE**

Após o massacre, sua família foi morar na fazenda Macaco Gordo. Seus pais foram reconstruindo suas vidas aos poucos. Seu pai no trabalho de roçar pasto e cacau e sua mãe nos trabalhos domésticos. Como ele ainda era uma criança, passava seu tempo brincando com sua irmã e ficava olhando seu irmão Bernardo que ainda era um bebezinho, para que sua mãe pudesse fazer os trabalhos de casa.

Eles não se sentiam bem, pois para seus pais ali não era seu lugar, não era sua terra, não podiam viver como viviam no seu lugar de origem, se sentiam sem chão. Eles não queriam criar seus filhos na terra de outras pessoas, vivendo de favor.

Seu pai sabia que daquele jeito que estavam vivendo seus filhos não iriam poder tirar nada daquele lugar, mas naquele momento não tinha outra alternativa a não ser ficar nesta fazenda,

pois sua aldeia estava destruída. Francisco e Tereza tinham medo de voltar para sua terra, mesmo sentindo a necessidade de procurar seu povo, pois não sabiam o que iria encontrar. Eles se mantinham na fazenda pela segurança dos seus filhos, que apesar da tristeza que estavam vivendo, ao menos estavam podendo tirar o sustento da sua família.

Depois de dois anos, enfim, Francisco realizou o sonho de voltar para a sua terra. Porque teve notícias de que alguns dos seus parentes estavam retornando para a aldeia, para tentarem reconstruí-la e a partir daquele retorno iriam lutar pelo seu território.

Mas, antes de voltar para as aldeias, o povo Pataxó teve um grande pioneiro para a retomada do seu território, pois eles ainda tinham medo de retornar para a sua terra: Oretiano Braz, que fez com que seu povo tivesse coragem e força para lutar pela sua terra.

Oretiano Braz, filho de uma índia com um não indígena, era conhecido como juiz de paz, ou seja, delegado. Tinha os conhecimentos das leis e, por ter sangue indígena, saiu em busca de alguns parentes que moravam perto da aldeia, com o intuito de trazê-los de volta para dentro do território de Barra Velha.

Pelo conhecimento que tinha, sempre dizia que aquele território era deles e que ajudaria seus parentes a lutar pelas suas terras. Foi nesta busca que encontrou os parentes Pifani e seus filhos, Luiz e Palmiro, e uma senhora por nome Josefa e sua família, que trouxe de volta para a aldeia. Voltando para a aldeia, essas duas famílias foram construir suas casas e roças, mas não foi fácil, pois havia dois postos de guarnição deixados pelo IBDF. Eram vigilantes que estavam ali para não deixarem os índios entrarem no parque para poder fazer suas roças e nem tirar madeira. Quando eles faziam suas roças, os guarda vinham e destruíam.

A briga de Josefa com eles teve essa mesma dinâmica. Ela fazia a roça e os policiais a destruíam; ela fazia a roça novamente a roça e eles voltavam a destruí-la. Observando esses embates, Oretiano conversou com Pifani e eles decidiram ir até Brasília em busca da demarcação do seu território. Oretiano lavrou um documento que na época ficou conhecido como Guia de Viagem. Esse documento servia para eles pedirem apoio nos lugares que chegavam, como nas prefeituras, delegacias e até no próprio governo. Pifani e seus dois filhos foram a pé até Brasília

em busca da demarcação do seu Território e as demais famílias ficaram na aldeia resistindo na luta contra o IBDF.

Ao retornar para a sua aldeia a família de José foi morar em um lugar chamado Porto da Palha, onde novamente foram reconstruir suas vidas. Dessa vez estavam em seu lugar de origem. Faziam roças, criavam animais, pescavam e caçavam, mesmo sabendo que a qualquer momento poderiam ser expulsos pelos guardas. Resistindo à perseguição policial por ali foram sobrevivendo.

Neste mesmo ano que voltaram para sua aldeia tiveram novamente que sair, pois o IBDF lhes apresentou uma proposta de indenizar todas as famílias que para lá voltaram. Com a indenização paga à sua família, seus pais tiveram que voltar para a fazenda Macaco Gordo. Mesmo com essa indenização recebida, as famílias retornavam, pois o dinheiro era pouco e era mais fácil sobreviver dentro do território. Não aconteceu diferente com a família de José, que retornou meses depois.

Retornando ao Porto da Palha, após consumida a indenização, sua família seguiu firme batalhando na roça. José estava então com 7 anos de idade. Já acompanhava seu pai até o rio para pescar. Eles colocavam suru e jiquiá, armadilhas utilizadas para capturar peixes, e seguiam para a floresta para fazer armadilhas como quebra, mundéu e laço para a captura de tatu, paca, ratos e alguns pássaros. Foi nesse tempo, dos 7 anos até 14 anos, que José teve seus aprendizados no manejo de roças, caça e pesca. Como não tinha como estudar, pois não tinha escola naquela época, seus aprendizados aconteciam na convivência com seus pais, nos afazeres do dia a dia. Durante esse período, morando no Porto da Palha, seus pais tiveram outros 5 filhos: Maria do Socorro, Jucelino, Valdir, Laurito e Benedita. Em meio a esses aprendizados, essas vivências em Porto da Palha, ainda não havia acabado a briga com o IBAMA, que sempre estava contra os índios, tentando tirá-los do território.

#### **4. A JUVENTUDE (FORMAÇÃO) E OS SABERES DE JOSÉ**

Em 1960, quando José já era um adolescente de 14 anos, mais uma vez sua família e seu povo foi retirado das suas terras pelo IBDF. Desta vez, vieram com outra indenização para ser paga às famílias para se retirarem do território. Sem muito o que fazer, as famílias em meio às lutas e resistências contra os guardas, novamente resolveram pegar essa indenização e sair.

Teriam que sair, de um jeito ou de outro. Com medo de represálias, cada família procurou um lugar para sobreviver. Dessa vez, sua família foi morar em um vilarejo por nome de Caraíva. Mas, como da outra vez, depois que acabou o dinheiro da indenização, as famílias retornaram para a aldeia de Barra Velha. Com esse novo retorno, as famílias vieram dispostas a ficar definitivamente dentro do território, lutando contra o IBDF e buscando seus direitos na demarcação do território, tal como já vinha sendo feito por seu Pifani e os filhos dele, com a mediação de Oretiano Braz, que continuaram viajando a Brasília, até conseguirem a demarcação do Território, em 1982. Um guarda, chamado Siquara, falou que só iria deixar os índios em paz no seu território quando eles ganhassem a causa da demarcação. Em 1982, aconteceu essa conquista.

Diferentemente, a família de José resolveu ficar morando em Caraíva. Para ele, foram os piores 8 anos de sua vida, pois Caraíva, como um vilarejo à beira-mar, não possibilitava colocar roças, plantar mandioca, milho, banana, batata e criar alguns animais como porco e galinhas, pois não havia terra apropriada para esses manejos. Viu-se, então, na obrigação de buscar alguma outra atividade para dar sustento à família. Com 14 anos, ele e seu irmão Bernardo, com 9 anos, foram em busca de trabalho.

Há um mangue nas cercanias de Caraíva e José e seu irmão Bernardo viraram pegadores de caranguejo e lenha para vender a alguns moradores de Caraíva. Desse trabalho, passaram a obter dinheiro para comprar alimentos para a família. Porém, não era fácil. Muitas pessoas que ali moravam tinham preconceito deles, mesmo sabendo que aquele território era parte da aldeia. Mas ficou a memória do que aconteceu no fogo de 51, pelos índios terem matado e comido o gado de uma das famílias que ali moravam. Por causa disso, eles sofriam discriminação e os chamavam de cabocos coreanos, que era uma forma pejorativa e figurada de chamá-los de ladrões. Muitas pessoas não compravam seus caranguejos e lenhas, mesmo vendo que José era um adolescente e seu irmão uma criança e que estavam trabalhando honestamente para ajudar

a família. Apesar disso, seguiram fazendo esses trabalhos como meio de sobreviver, pois em meio a essas pessoas havia outras que tinham um bom coração, viam suas necessidades e os ajudavam comprando os caranguejos e as lenhas. Um ano depois, já com 15 anos, José foi trabalhar em outros meios, sobretudo serrar madeiras, pocar estacas de madeira e tirar a fibra da piaçava. Desse modo, continuava a ajudar seus pais na criação dos seus irmãos. Conforme surgia a necessidade, José realizou, durante 2 anos, esses trabalhos. Apesar do sofrimento e das necessidades por que passavam, seus pais ainda tiveram mais dois filhos em Caraíva: Francisco Carlos e Maria D'Ajuda.

Com 18 anos, não havendo mudado muitos seus meios de sustentabilidade, a vida ainda não era nada fácil para a sua família. José, então, se torna pescador. Acordava cedo, colocava sua canoa no mar, saía para pescar e colocar rede para capturar peixes. Os peixes que pegava eram vendidos para poder obter dinheiro para comprar outros alimentos, tais como farinha, açúcar, café e feijão. Às vezes, também trocava com outras pessoas do vilarejo os peixes. José ficou nesse ramo de pescador durante 20 anos. Mesmo depois que retornou para a aldeia ficou pescando com seu irmão Bernardo, que sempre lhe acompanhava nos trabalhos. Só veio a deixar a atividade de pescador depois que conseguiu arrumar outro meio de sustentar sua família, pois já era casado e tinha filhos. Até hoje tem vontade de pescar, mas, ele próprio observa, não tem mais idade para aguentar o balanço das ondas.

## **5. CASAMENTO E RETORNO PARA A ALDEIA**

Ainda morando em Caraíva, em 1968, com a idade de 22 anos, José se casa com Maria José, que, naquele tempo, tinha 17 anos. Mas antes do casamento acontecer tem sua história.

Como as famílias do casal moravam no mesmo vilarejo, seria muito difícil não se conhecerem, pois o lugar é pequeno. Os dois se conheciam e com o tempo foram se gostando. Mas para poderem namorar teria que ser escondido dos pais e também de outras pessoas, pois se vissem eles juntos e contassem aos seus pais, eles exigiriam que se casassem. Naquela época, quando os pais pegavam suas filhas conversando com qualquer rapaz, mesmo que não se gostassem, eles faziam os dois se casarem, sendo que o rapaz tinha que pagar todas as despesas do casório.

José e Maria José começaram a namorar escondidos. Com uns 30 dias de namoro, Maria José foi ao encontro de José, dizendo-lhe que queria se casar. Como José não tinha condições de pagar as despesas do casamento, teve que pensar em alguma solução, pois também queria se casar com ela. Então, teve a ideia de mandá-la ir escondida para a sua casa. Quando os pais dela soubessem iriam até lá. Porém combinou com ela que, se eles perguntassem se foi ele que mandou ela ir, falasse que não, que teria indo por conta própria. Dessa forma, José não teria obrigação de pagar o casamento. Quando os pais dela souberam, seu pai e seu irmão foram até a casa de José e, chegando lá, perguntaram se ele tinha mandado ela ir para lá. Ela disse que não e, então, perguntaram a José se ele queria casar. José respondeu que sim, mas que no momento não tinha condições para as despesas da festa. Para poder casar com Maria José, teria que ser dali a uns 60 dias. Porém, o sogro não aceitou essa proposta, pois tirar a filha de um homem e não casar era o maior desrespeito para a família. Então o pai e o irmão de Maria José falaram que iriam pagar as despesas durante esses 60 dias, porque o casamento teria que acontecer. Foi assim que eles se casaram, em Caraíva mesmo, no civil.

Mesmo não tendo uma vida fácil, casaram e foram construir sua vida a dois, sempre batalhando juntos, para manter o sustento da família que ano seguinte viria a aumentar. Em 1969, sua primeira filha nasceu e foi batizada com o nome de Elma Regina. A alegria do casal foi imensa, mesmo com as dificuldades. José e sua esposa faziam de tudo para não deixar faltar nada a sua filha e aos seus irmãos, pois todos moravam juntos.

Quando Elma completou 4 meses, veio outra surpresa, Maria José estava grávida novamente. Desta vez seria um menino, que nasceu em 1970 e a quem foi dado o nome de Everaldo. Neste mesmo ano o pai de José resolve voltar para a aldeia. Porém, antes de trazer todos os membros da família, Francisco e Maria Tereza foram à procura de um lugar dentro do território. Foi então que seus pais chegaram no Porto do Boi, lugar tranquilo, perto da mata, beira de estrada e perto de um rio, um lugar apropriado para fazer suas roças, criar seus animais, pescar e caçar. Depois de encontrarem um lugar, seus pais foram construir uma casa, uma construção feita apenas com madeiras e palhas de dendê. Logo após a construção seus pais foram buscar José, seus irmãos e sua esposa, com os dois filhos, que haviam ficado em Caraíva.

Já no Porto do Boi, José e seus familiares foram fazer suas roças — mandioca, milho, batata, abóbora — e criar seus animais, sobretudo galinhas e porcos. Mas até poder sustentar sua família com aquilo que plantaram, ele teve que trabalhar tirando piaçava para vender ou trocar em Caraíva. Quando conseguia vender, ali mesmo no vilarejo comprava os alimentos. Outro meio de também adquirir alimentos para a sustentabilidade familiar era através da pescaria, tanto no mar quanto no rio, e também caçando, colocando armadilhas na mata para poder pegar animais como tatu, paca, capivara e outros.

Para ele, sua vida foi melhorando de como era antes em Caraíva, que foi muito sofrida. Naquele lugar era melhor, pois ali tinha terra para plantar, como foi dito, tinha o rio, a mata, tinha outros meios de se manter. Já com um ano e alguns meses vivendo ali, Maria José engravidou novamente e, no dia 5 de março de 1972, nasceu Elian, a segunda filha de José.

Desde sempre José pensou no bem-estar da sua família e continuou a trabalhar nos mesmos ramos. Nunca deixou faltar alimentação para seus filhos. Porém, as dificuldades eram muitas para também poder lhes oferecer outras coisas, como roupas e calçados. Às vezes, José comprava metros de tecidos para sua mulher fazer as roupas das crianças.

Sempre teve em mente um dia poder melhorar de vida, mas faltavam recursos financeiros. Quando tinha dinheiro, era pouco e sempre priorizava a mulher e os filhos. Mas após certo tempo, seu irmão Bernardo, que sempre esteve ao seu lado nas lutas do dia-a-dia, foi trabalhar em uma fazenda em um lugar chamado Montinho, que na época fazia parte do município de Porto Seguro. Depois de muito tempo trabalhando, ele retornou para o Porto do Boi e viu que seus sobrinhos, filhos de José, estavam precisando de roupas e calçados. Como ele tinha guardado 250 contos, e naquele tempo isso era uma boa quantia, chamou José e lhe deu 50 contos, disse que era para ele comprar roupas e calçados para seus 3 filhos.

A partir daquele momento, com aquele dinheiro, iria colocar em prática seu sonho de mudar de vida. Mesmo sabendo que seus filhos estavam necessitando dos mantimentos e que a ideia não poderia dar certo e seus filhos ficarem sem nada, como já estavam, falou com sua mulher que aquele dinheiro iria mudar suas vidas. José persistiu em sua ideia. Como perto do Porto do Boi já moravam outras famílias, e ali passava a estrada principal, que ligava ao centro da aldeia

Barra Velha, Caraíva e Corumbau, resolveu gastar aquele dinheiro comprando alguns alimentos e mantimentos, pois seu grande sonho era ser comerciante. Com isso, comprou açúcar, café, sabão, fumo, papel e 50 litros de cachaça, para revender às pessoas que ali passavam e também trocar por piaçava. Na mesma semana vendeu e trocou as piaçavas recebidas. Como troca, pegava e levava para revender em Caraíva.

A iniciativa continuou dando certo e José permaneceu nesse ramo. Com o dinheiro das vendas dos alimentos e o dinheiro recebido pelas piaçavas vendidas em Caraíva, comprou ainda mais produtos para revender e deu início à sua vida de comerciante. Tempos depois, além de trocar as piaçavas por alimentos com outros parentes, começou a comprar. Com sua persistência e os 50 contos dados pelo seu irmão, sua vida dali por diante foi melhorando e, aos poucos, foi deixando de praticar algumas atividades, como pegar caranguejo e tirar piaçava. José podia, enfim, comprar mais roupas e calçados para seus filhos e esposa e ajudar ainda mais seus pais e irmãos.

Muito feliz por ter se tornado comerciante e a sua vida ter melhorado, em 1974 descobre que mais uma vez sua mulher está grávida. Em 16 de janeiro de 1975, nasce sua terceira filha e lhe foi dado o nome de Eliandra.

Já com 4 filhos, sendo 3 mulheres e 1 homem, José e a esposa estavam pensando em se mudar para o centro da aldeia Barra Velha, pois queriam que seus filhos estudassem. Por isso, foram planejando e queriam arrumar um lugar para poder fazer sua casa e continuar com seu comércio. No início de 1976, Eliandra estava com 1 ano e sua esposa já estava à espera de um novo filho, que viria a nascer 8 meses depois, no dia 08 de setembro. Era mais uma menina e a ela foi dado o nome de Erian. No final deste mesmo ano, eles resolveram se mudar para o centro da aldeia. José comprou uma casa na aldeia e para lá se mudou com sua esposa e seus 5 filhos. Porém, não deixou de manter contato com o Porto do Boi, pois lá manteve seu comércio, suas criações e sua roça.

Na aldeia abriu um outro comércio. Como já havia muitas famílias vivendo no território, muitos que lá moravam viviam de tirar a fibra de piaçava. Ele comprava a piaçava de seus parentes e a revendia em Caraíva.

José nunca teve a oportunidades de estudar, diferentemente de sua esposa, que quando jovem estudou e aprendeu a ler e a escrever. Na aldeia, Maria José tinha mais tempo com seus filhos e resolveu ensinar seus filhos mais velhos, Elma Regina e Everaldo, a ler e escrever. Depois de um tempo seus parentes perguntaram a ela se também poderia ensinar os filhos deles. A partir dessa iniciativa, fizeram uma casinha e ela começou a dar aula como voluntária dentro da aldeia para as crianças. É considerada a primeira professora que lecionou dentro da comunidade Pataxó de Barra Velha.

Após um ano morando no centro da aldeia, com as vivências com os parentes, com seus 31 anos de idade, em 1977, José foi escolhido para se tornar liderança da comunidade.

Em Barra Velha, a família do casal aumentou. Tiveram mais seis filhos. No dia 25 de setembro de 1978 nasceu sua quinta filha, chamada de Eliane. Um ano e dez meses depois do nascimento de Eliane, no dia 27 de julho de 1980, chegou mais uma filha: Erilsa.

Em 1981, José teve uma grande perda em sua vida. A pessoa que tinha como exemplo de vida, que lhe transmitiu todos os conhecimentos e o havia ensinado a ser a pessoa em que se tornou — um homem de caráter, trabalhador, honesto e humilde —, seu pai, falece em decorrência de um câncer.

Apesar da tristeza que envolve o luto, meses depois nasceu mais uma criança para o casal. Sua sétima filha, Inaiá, nasceu no dia 26 de novembro. Anos depois, veio mais uma menina, por nome Iamoni, que nasceu no dia 01 de agosto de 1984. Anos mais tarde, no dia 23 de maio de 1987, nasce seu segundo filho homem, a quem foi dado o nome de Everton. Depois de cinco anos, no dia 20 de fevereiro de 1993, nasceu sua penúltima filha, Palia da Conceição. Tempos depois, sua esposa fica grávida, mas infelizmente sofre um aborto espontâneo. Daí por diante não tiveram mais filhos. O casal, portanto, teve 11 filhos, sendo nove mulheres e dois homens.

Em 1996, José enfrentou outra perda. Sua querida mãe, Maria Tereza, faleceu, deixando uma imensa dor, pois era muito apegado a ela.

José e sua esposa procuravam criar os filhos da melhor forma possível, sem jamais deixar de transmitir os valores que seus pais os ensinaram. Buscavam sempre incentivá-los a estudar, pois neste período já existia na aldeia uma escola que foi construída pela FUNAI e também havia professoras contratadas por esse mesmo órgão. A escola oferecia até a 4ª série, e os primeiros filhos de José tiveram a oportunidade de estudar. José ficava muito feliz de vê-los estudando, pois sabia que iriam aprender a ler e a escrever, coisa que ele não teve o privilégio.

Desde muito cedo, seus filhos o ajudavam na roça, na criação dos animais, na pesca e no comércio. Pelo fato da maioria de seus filhos serem mulheres, José contava com ajuda principalmente delas. Ele as ensinou a pescar, a colocar armadilhas de pesca no rio, a mariscar no mangue, o manejo com a roça. Sua esposa também as ensinava os afazeres domésticos. Maria era uma grande costureira, era ela que fazia as roupas de algumas famílias da comunidade, e esse trabalho era um meio de ajudar na renda familiar. Isso só era possível porque suas filhas cuidavam da casa e dos irmãos menores.

Antes dos seus filhos irem para a escola, suas filhas mais velhas acordavam cedo e faziam o café, enquanto ela assava ou fritava algum peixe ou carne para fazer a farofa, acompanhamento do café. Depois de comerem, iam fazer os trabalhos domésticos, sobretudo lavar pratos e roupas e varrer a casa. Deixavam tudo pronto para Maria, porque no decorrer do dia ela tinha muitas encomendas para fazer roupas, e aprontava apenas as refeições.

Quando era dia de José ir para a cidade comprar mercadoria para sua venda, algumas de suas filhas e seu filho mais velho iam pegar o cavalo no campo para esperá-lo no Porto do Boi para trazer a mercadoria. José sempre fala que seus filhos e sua esposa o ajudaram muito para poder manter seu comércio. Se não fossem eles, não teria aguentado sozinho, pois havia muito trabalho. Seus filhos Elma, Elian, Eliandra e Everaldo eram os que mais ajudavam, pois eram os mais velhos. Eles arrumavam a venda, cuidavam dos animais, que naquele tempo ficavam no Porto do Boi e, além disso, as meninas ajudavam sua mãe a limpar os peixes, já que, José não tinha deixado de pescar. Ele tinha redes de pescaria, uma canoa, anzóis e linhas e então continuou a praticar. Era uma das atividades de que ele mais gostava. Enquanto pescava, seus filhos abriam a mercearia. Sua esposa inclusive o ajudava na pescaria à noite, quando ele ia redar.

Desta forma seu José foi criando seus filhos, nunca deixando de fortalecer a união entre a família, pois ele dá muito valor à união entre os irmãos, conforme lhe foi ensinado pelos seus pais. Mas, ainda assim, ficava triste de ver os filhos crescendo e não poder dar tudo de melhor para eles, de não ter tempo de brincar, de viver mais de lazeres, diversão com seus filhos, pois priorizava trabalhar para não deixar faltar as principais coisas para as crianças. Porém seus filhos não se queixavam disso, porque embora fossem crianças entendiam os esforços dos seus pais para criá-los. José nunca foi pai de maltratar seus filhos, de bater, xingar. Para corrigi-los de alguma coisa que fizessem de errado era na base do diálogo, pois tem com ele que agredir uma criança não vai educá-la e sim fazer com que cresça revoltado com os pais. Ele também não impedia seus filhos de brincarem, tomar banho de lagoa e ir à praia.

Os anos se passaram e seus filhos foram crescendo e alguns já tinham constituído suas próprias famílias, e ele sempre os ajudando e incentivando para não desistirem dos seus objetivos, mesmo tendo as dificuldades. Assim foi sendo sua vivência na aldeia Barra Velha, dividido na função de chefe de família, de comerciante, pescador e agricultor, além de liderança indígena.

## **6. LIDERANÇA**

Como em todas as comunidades indígenas, os Pataxó também têm suas lideranças, que são formadas por cacique, vice-cacique, chefe de posto e outros guerreiros ou guerreiras, que são indicados pela comunidade para fazer parte desse corpo de lideranças. Esses líderes são aqueles que têm a função de estar à frente de uma comunidade, de estar lutando junto com seu povo em busca de seus direitos e melhorias, sempre fazendo a mediação entre as comunidades indígenas e as autoridades responsáveis, como a FUNAI, as prefeituras locais e os governos estadual e federal. As lideranças permanecem atentas e lutam por melhorias como escola, energia, pontes e estradas, entre outros benefícios para a comunidade.

Sabendo que, para se tornar uma liderança dentro de uma aldeia, a comunidade em si precisa indicar aquele guerreiro ou guerreira que vem sempre lutando com seu povo e seja competente e esteja presente no dia-a-dia da comunidade tendo sempre na mira melhorias para o seu povo.

Para mudar uma liderança na aldeia é preciso esperar que um líder se torne ancião e esteja cansado e não aguento mais viajar e lutar pelo seu povo nas linhas de frente dos embates políticos. Só mesmo quando já fez muito pela sua comunidade ou em caso de doenças ou venha a falecer. Perante essas situações a comunidade faz a indicação de um outro guerreiro para dar seguimento a lutas e conquistas de muitos anos, propiciadas por várias gerações de lideranças.

Em 1977, José, com 31 anos, foi indicado por sua comunidade para se tornar uma liderança. Ele tinha todas as características de um líder. José recebeu a indicação com imensa alegria, pois via que seu povo tinha confiança nele. Naquela ocasião, integrou o quadro de lideranças ao lado do Cacique Tururim, do Vice-Cacique Alfredo Braz e do Chefe de Posto Leonardo. Ele teria como função estar junto com essas outras lideranças nas lutas pelos direitos do povo Pataxó e na busca de melhorias para sua comunidade, dando a continuidade a várias lutas.

José sabia que não seria fácil desempenhar esse papel, pois muitas vezes as lideranças não tinham apoio, nem condições para as viagens, não havendo transporte, sendo que muitas vezes tinham que depender de caronas. Além disso, quando chegavam em seus destinos, como Salvador e Brasília, não tinham lugar para se hospedar, precisando dormir em escolas e outros lugares improvisados. Mas as lideranças faziam de tudo para buscar benefícios ao seu povo e enfrentavam de cabeça erguida aquela vida difícil.

José seguiu com firmeza, porque queria lutar pelo seu povo e, depois de muito tempo já como liderança, em 1998, surgiu uma missão muito importante em sua vida: ampliar a escola de aldeia. A comunidade tinha acesso apenas ao Ensino Fundamental I, pois não havia professores e nem estrutura para os alunos concluírem o Fundamental II e o Ensino Médio. Sendo assim, os estudantes tinham que se deslocar da aldeia até as cidades mais próximas, Monte Pascoal e Itabela, para concluírem os estudos. Naquela época, 24 alunos tiveram que se deslocar para aqueles municípios, embora não tivessem onde ficar, transporte e dinheiro para alimentação. Nessas condições, estudar tornava-se impossível. José foi indicado para ser o representante desses estudantes e teve como missão buscar junto à FUNAI (Fundação Nacional do Índio) recursos para manter esses alunos nessas cidades durante os anos de estudo, propiciando-lhes transporte, moradia e alimentação. José foi muito determinado e se mostrou firme nas negociações com a

FUNAI, não deixando faltar nada aos estudantes de sua aldeia, que conseguiram, vitoriosamente, concluir os estudos.

José sempre lutou ao lado das demais lideranças para poder buscar ainda mais benefícios, levando adiantes os projetos que já tinham sido feitos por lideranças anteriores. Cada geração de líderes brigava diante das autoridades para serem aprovados e depois de muito tempo de luta vários projetos foram sendo aprovados e sendo realizados dentro da comunidade.

Um dos resultados mais importantes das ações de José foi a construção da escola, com a implementação do Ensino Médio, em 2003. A escola se localiza na aldeia Barra Velha, na Rua de Cima, no antigo posto de aviação. Em 2004 foi feita a estrada aterrada com barro que liga as comunidades de Barra Velha, Xandó e Porto do Boi. Em 2006, foi construída a ponte no Porto do Boi. Além disso, a energia elétrica foi implantada na aldeia em 2007. A partir dessas conquistas, vieram outras, com outras gerações de lideranças, mas sempre lutando junto com a comunidade e José participando.

Atualmente, José é uma das lideranças mais velhas do povo Pataxó. Já fez muito pelo seu povo, lutou muito. Já é um ancião e diminuiu o ritmo. Em sua aldeia, é um dos conselheiros da comunidade, um palestrante que está sempre falando das lutas e uma das pessoas com mais experiência de luta entre seu povo. Continua disposto a ensinar para as novas gerações como continuar a luta pelos seus direitos. Vem sempre dizendo aos mais novos que chegou o momento deles lutarem também pelo seu território, pelos seus direitos, de darem continuidade às lutas de seus anciãos. José sempre reafirma que o Pataxó é povo valente, uma nação de índio que não desiste de lutar. De tempos em tempos, um livro vivo se fecha e os anciãos partem deixando seu legado aqui na terra. Façam por merecer cada sangue derramado por este território, cada conquista. Que a luta não pare agora. Se os anciãos se foram, chegou o momento de mostrarem suas forças e suas capacidades e darem continuidade às lutas do nosso povo.

## **7. O DIA DE JOSÉ**

José acorda todos os dias às 5 horas da manhã. Faz café para a esposa e para os netos, que dormem todos os dias em sua casa. Sempre lembra, antes de adoçar o café, de tirar uma caneca amarga para sua esposa, pois a mesma hoje se encontra com diabetes. José cuida com muito carinho de sua companheira. Em seguida, escova os dentes e fica conversando com sua mulher até da a hora de abrir seu comércio, entre 7h30 e 8 horas. Fecha às 11h, para o almoço. Ao chegar em casa, toma banho e almoça. Assiste um pouco de televisão, que é umas das coisas que ele mais gosta de fazer. Seus programas preferidos são futebol e novelas.

Depois do almoço, lava os pratos e vai descansar. Por volta das 15h, volta para a sua Kitanda (comércio), onde trabalha até as 19h. Em dias de muito movimento, fica até mais tarde. No caminho de casa, para na casa de dois filhos. Faz isso todas as noites. Sua filha Erian todos os dias tem a tradição de fazer a fogueira em frente à sua casa. Ali assam peixes, carnes e outros alimentos, conversam sobre vários assuntos, contam histórias de como era Barra Velha antigamente. Todos compartilham os alimentos e contam um pouco do seu dia. José gosta muito de participar dessa roda de conversa e se deixa ficar até umas 20h30 com seus filhos, netos, genro e sobrinhos. Quando chega em casa toma outro banho e depois janta. Ao lado de sua esposa e de dois netos fica assistindo televisão até sentir vontade de dormir.

Nos dias de hoje, seu comércio não é uma necessidade que tem para sobreviver. Ele o mantém, pois a maioria dos seus clientes são seus filhos e netos. Além disso, o comércio é uma forma de se distrair, algo que traz muita alegria para sua vida, pois ali aparecem diariamente muitas pessoas para conversar e resenhar. A maior parte das pessoas que frequenta seu ambiente são jovens da comunidade, que o admiram muito. José contagia a todos com a alegria que transmite.

Quando não abre sua quitanda, ele vai para sua roça de pimenta do reino, que fica no terreno de sua filha Erilsa. Lá ele capina e planta outras coisas. Quando faz isso, costuma passar seu dia por lá mesmo. Almoça e volta para casa no final da tarde. Em outros dias também vai para a casa dos seus outros filhos para visitá-los ou sai pela comunidade para visitar amigos. Nos finais de semana sua felicidade é ir para o campo de futebol ver os times da aldeia jogar. Seu time favorito é o Barra velha FC, pois é um dos patrocinadores do time e a maioria dos jogadores são de sua família.

Sua casa não fica sem gente, pois quando não está um filho, já tem outro e os netos também não saem da sua casa. É muito feliz por sempre ver sua casa cheia.

Atualmente José está com 73 anos, continua residindo na aldeia Barra Velha e casado com Maria José, que está com 69 anos. Juntos construíram tudo o que têm. Seus 11 filhos lhes deram 36 netos e os netos lhes deram 33 bisnetos. Todos vivem na aldeia, exceto sua filha Eliane e seu neto, que moram em Porto Seguro, Bahia.

## **JOSÉ (ENSAIO VISUAL)**

"Fotos podem ser mais memoráveis do que imagens em movimento porque são uma nítida fatia do tempo, e não um fluxo. A televisão é um fluxo de imagens pouco selecionadas, em que cada imagem cancela a precedente. Cada foto é um momento privilegiado, convertido em um objeto diminuto que as pessoas podem guardar e olhar outras vezes."

Susan Sontag

"A câmera é meu instrumento. Através dela dou uma razão a tudo o que me rodeia."

André Kertész



Nomes: José Sales dos Santos, Massaranduba Pataxó, mais conhecido como São Piega

Nascimento: 26 de agosto de 1946, Ribeirão, território Pataxó, Barra Velha

Nacionalidade: Brasileiro

Etnia: Pataxó

Ocupação: Liderança Pataxó

Filiação: Maria Tereza Sales Dos Santos e Francisco Tecilio Da Conceição

Cônjuge: Maria José Braz Dos Santos

Filhos: Elma Regina Braz Dos Santos, Everaldo Braz Dos Santos, Elian Braz Dos Santos, Eliandra Braz Dos Santos, Erian Braz Dos Santos, Erilsa Braz Dos Santos, Eliane Braz Dos Santos, Inaiá Braz Dos Santos, Iamoni Braz Dos Santos, Everton Braz Dos Santos e Pália da Conceição Braz Dos Santos.

Netos: Cosme, Humberto Júnior, Aguíne, Henagio, Felipe, Kaiones, Leandro, Kaines, Weverton, Kawê, Akerlan, Clécia, Criscia, Dalton, Erlanio, Hezio, Carolaine, Kalila, Ana Carolina, Ernanes, Ernanda, Isaac, Sarah, Isabela, João, Yamim Aruna, Eferson, Leticia, Cassiano, Raoni, Rai, Awênehe, Kawênehe, Etxawê, Kaminoã e Luciano.

Bisnetos: Inauá, Acauã, Tanara, Emi Taily, Tanawara, Thamâra, Wenã Juacema, Nayhe Wenara, Tokmã, dxáhunã, Kãnawã, Iamayhã, Kauã, Kayo, Luna Kahab, Luan Xayhé, Cristian, Kenay, Apollo, Guayuba, Pedro Elias, Itxeheui, Txihí Txenã, Emanuella, Anerê Kuãhí, Ektxamãny, Dxaháruana, Piatã, Txaywã, Ehinã, Sanenawã, Samehy e Niaktamany.



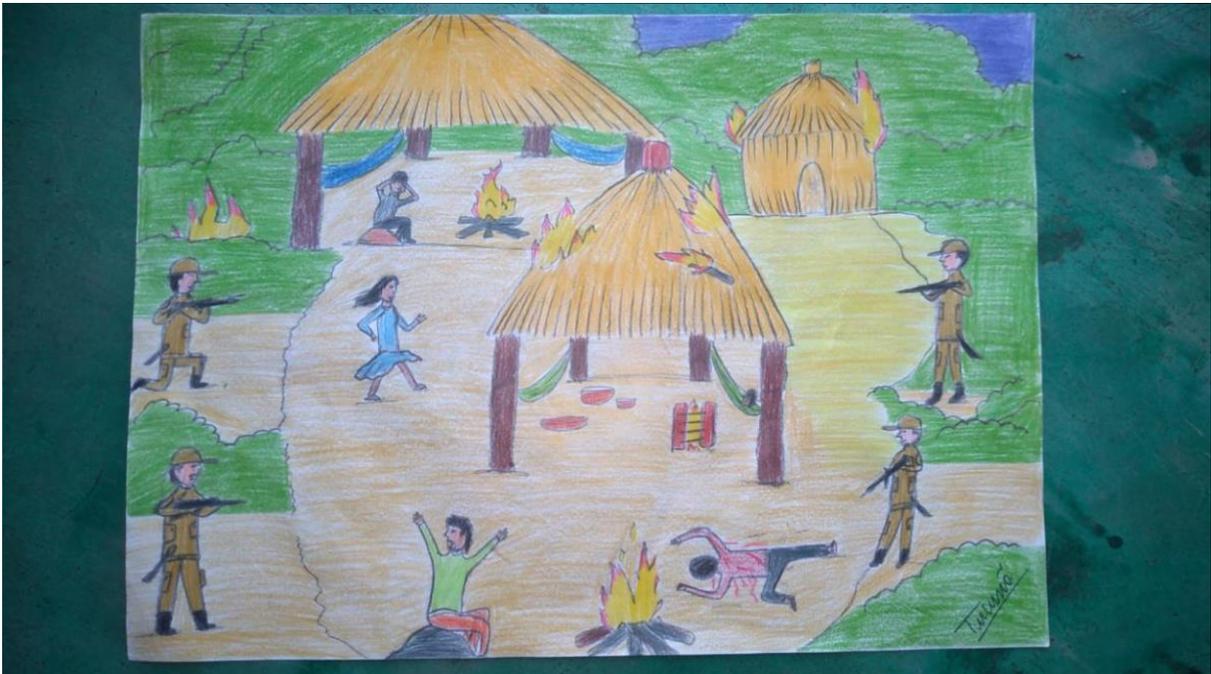
José e seu pai, Francisco.



Maria Tereza, mãe de José.



Ribeirão, lugar onde nasceu José Sales.



Aldeia Barra Velha durante o começo do fogo de 51.



Quando foram pegos pelos policcias no fogo de 51.



Porto da Palha, lugar onde José viveu dos 7 aos 14 anos de idade.



Território Barra Velha, Monte Pascoal marco histórico do povo Pataxó.



Caraíva, vilarejo em que José passou a adolescência.



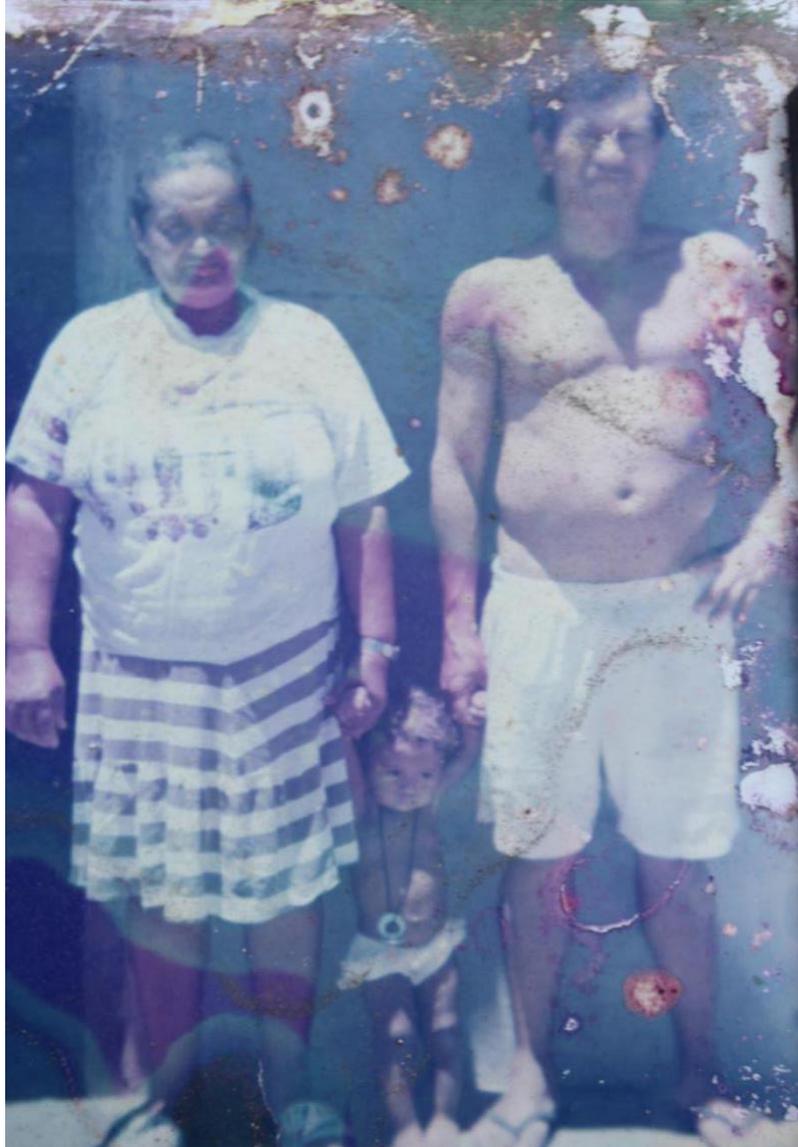
Porto do Boi. Local onde José passou a morar quando veio de Caraíva, aos 21 anos.



Ponte, localizada no Porto do Boi.



José Sales, sua esposa, Maria José, e sua sogra, Maria do Rosário.



José, sua esposa e sua filha, Palia.



José, sua família e um amigo, em sua casa na Aldeia Barra Velha.



Time em que José jogava na aldeia, conhecido como Fluminense.



Casa em que José mora atualmente na aldeia Barra Velha.



Seu José e sua esposa Maria José.



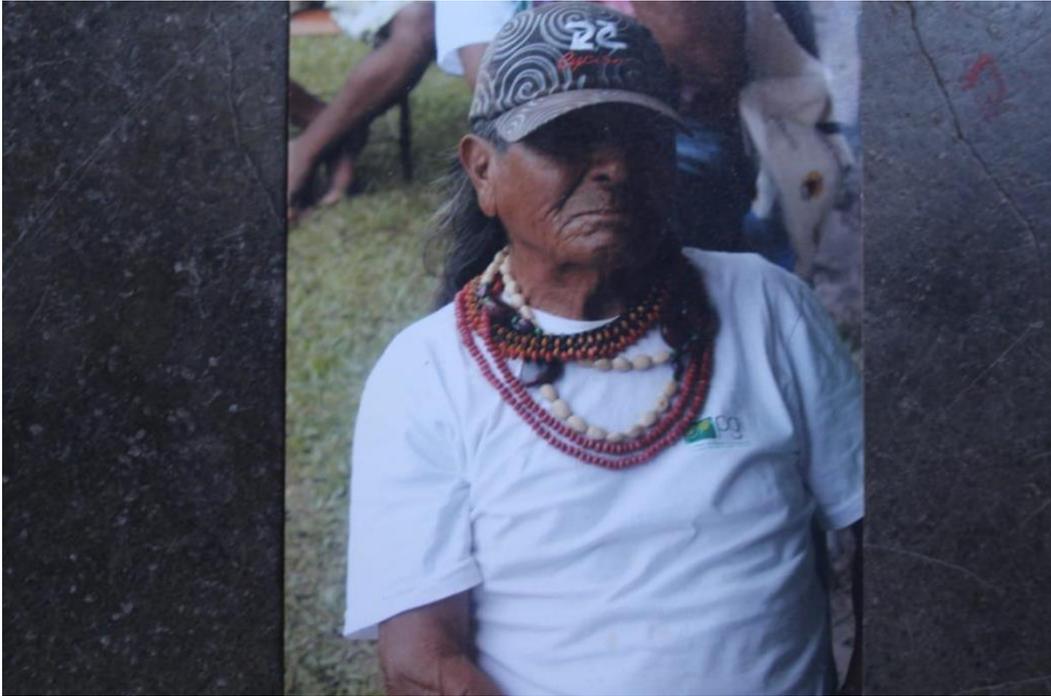
José, seu filho Everaldo e sua filha Inaia.



José, seus filhos e netos, à beira de uma fogueira contando histórias.



Seu José, seus filhos: Everton, Erilsa, Palia, Iamoni, Erian e seus netos: Sarah, Leticia, Ernanda, Aruna, Isabela, Isaac, João, Luciano, Etxawê, Kawênehé.



Tururim Pataxó

"Quando um ancião morre, um livro se fecha, mas não quer dizer que as lutas acabaram e, sim, que chegou o momento de os jovens também lutarem, honrando cada sangue derramado por tudo que nossos mestres conquistaram."

José Sales



Meu tio José e eu, na minha formatura do Ensino Médio em 2012.



Piaçava. Palmeiras de onde José tirava fibra para vender. A fibra da piaçava serve para fazer a cobertura do kijeme (casa).



Kijeme (casa).



Roça de mandioca.







Farinheira, local onde se torra a farinha e se assa os beijus.



Roça de feijão e batata.





Criação de galinha caipira.



Suru. Armadilha feita de tala de dendê e cipó, colocada no rio para capturar peixe.



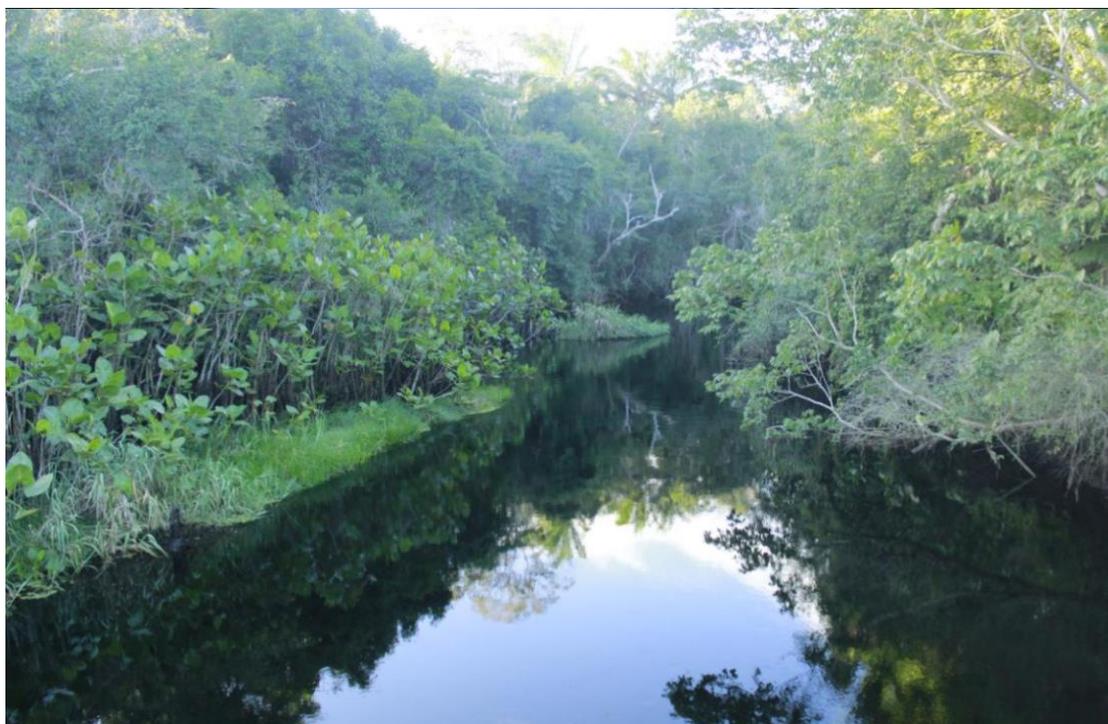
Rede de pesca, colocada tanto no mar quanto no rio.



Samburá. Utilizado para armazenar peixes.



Canoa utilizada para pescar no rio e no mar.



Rio Caraíva, onde seu José pescava.



No mangue, José pegava caranguejos e outros mariscos.



Mar onde José pescava.



Ouriço do mar (marisco).





Kitanda de José, situada na aldeia Barra velha, rua de baixo.





## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização deste trabalho, que me trouxe muita alegria e conhecimentos, tive o prazer de estudar a fundo a história de José Sales, liderança indígena que, entre tantas outras coisas, foi testemunha ocular do massacre de 1951. Além disso, como o biografado é meu tio, acabei aprendendo muitas coisas sobre a vida dos meus avós paternos, com quem não tive o privilégio de conviver. Por meio de várias entrevistas, coletei um imenso número de informações a respeito da vida do personagem central desta biografia e seus ancestrais e descendentes, havendo descoberto que tiveram e ainda têm uma vida de muita luta, resistência e coragem. Esses meus parentes foram sempre muito guerreiros, pois tiveram de reconstruir suas vidas muitas vezes. Já admirava a história de cada ancião, mas agora, conhecendo e tendo transformado em narrativa a trajetória de vida do meu tio José Sales, vejo o quanto meu povo lutou, resistiu e persistiu pelo nosso território e pela sobrevivência de sua geração e das gerações futuras. Além disso, foi muito gratificante refletir sobre a história de um tio que é também uma liderança indígena, pois pude compreender de modo mais abrangente que muitas vezes e de tantos modos a vida familiar se entrelaça com a vida comunitária. Espero que este trabalho contribua para o fortalecimento de sua memória e gere outras iniciativas que possam multiplicá-la.

A história de José e seus familiares é muito bonita e, por muitas razões, exemplar. Apesar das enormes dificuldades que tiveram de enfrentar por muito tempo, em busca de melhorias, jamais desistiram e sempre se mantiveram unidos. Isso me mostra o valor e a força da união de uma família. Todos sempre lutaram juntos, sem jamais perder a esperança de dar uma vida melhor para seus filhos. E conseguiram. José e sua família são, sem dúvida nenhuma, vitoriosos.

Este trabalho diz respeito a indígenas e não indígenas. Por meio dele, podemos conhecer as lutas, o sofrimento e a resistência dos nossos anciãos pela nossa existência e pelo nosso território, tendo oportunidade de refletir sobre tudo o que os mais velhos passaram para hoje estarmos em nossa terra e, assim, darmos o devido valor a nossa cultura, nossos costumes e aos saberes tradicionais do nosso povo. Espero que este trabalho possa expandir a consciência sobre a importância de se manter viva em nossa comunidade a memória de cada ancião Pataxó. Aos não indígenas, o trabalho poderá revelar alguns aspectos de nossa sociedade, sobretudo nossa

resistência aos ataques a nossas comunidades e nossa constante luta pelo nosso território. Somos um povo marcado pela coragem e pela resistência, e continuaremos lutando pelo que é nosso e pelo que os nossos anciãos vêm lutando desde a invasão do Brasil, em 1500. Cada vez mais, os não indígenas vêm tentando se apropriar indevidamente do nosso território. Para olhos atentos, o colonialismo permanece, praticamente sem disfarce nenhum, e é preciso continuar a combatê-lo com todas as nossas forças, diariamente e incansavelmente.

A partir desta pesquisa, penso também em desenvolver materiais didáticos que possam ser utilizados pelos professores da minha aldeia e de outras comunidades. Espero também que surjam oportunidades para dar palestras sobre este trabalho em escolas indígenas e não indígenas, fazer a curadoria de exposições sobre a biografia de meu tio José e outros anciãos, assim como participar de eventos culturais dentro das comunidades indígenas e fora da aldeia. Enfim, também tenho a intenção de levantar meios para poder publicar, mesmo que artesanalmente, esta biografia e adaptá-la para o cinema, multiplicando as possibilidades de futuras gerações conhecerem, através desses materiais, tanto a liderança biografada quanto a história do nosso povo.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BERGER, John. Para entender uma fotografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas: Unicamp, 1992.

MAMMÌ, Lorenzo e SCHWARCZ, Lilia Moritz (orgs.). 8 x Fotografia: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SANTOS, Iran Vieira dos. Entrevistas inéditas com José Sales dos Santos (São Piêga). Barra Velha, Porto Seguro, Bahia – maio de 2018 a junho de 2019.

SONTAG, Susan. Sobre fotografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.